

# Alumni

Revista Discente da UNIABEU

## CRISE E EXPERIÊNCIA NA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA: UMA LEITURA DE *O AMULETO*, DE ROBERTO BOLAÑO

Felício Laurindo Dias<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho discute a ideia de crise e experiência do sujeito na narrativa contemporânea. A base da nossa análise é a concepção de experiência e modernidade presente no pensamento de Walter Benjamin (2010). Nesse contexto, analisaremos as consequências da história na experiência do sujeito e um possível momento de crise. Para tanto, elegemos a obra *Amuleto* (2006), de Roberto Bolaño, cuja obra representa as relações entre história, exílio, trauma e tragédias pessoais. Pretendemos estabelecer novos sentidos para questões ligadas à experiência histórica na literatura contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** teoria; crise; experiência; Literatura Contemporânea.

### Introdução

Entendendo a escrita como uma das possíveis formas de se revisitar a tradição, sem negar as experiências do passado e abolir as possibilidades do futuro, como adverte Adauto Novaes (1992), a ideia de história está imbricada nas relações políticas, culturais e sociais da temporalidade. Com isso, narrar é ir além de (re)construir a experiência do passado a partir de fatos amalgamados pela matéria histórica e literária. Nesse sentido, deve-se abolir a ideia de um tempo absoluto pautado na travessia temporal da(s) história(s), a fim de fixar a discussão político-cultural que estabeleça, a partir do paradigma teórico-reflexivo da crítica atual, operações culturais do passado sob diferentes possibilidades de correlacioná-las com o tempo presente, conforme Adauto Novaes (1992, p. 11) bem sintetizou:

A História não é, pois, a passagem de um amontoado de fatos desordenados a ideias abstratas atemporais. Como trabalho de pensamento, ela é a retomada de operações culturais começadas antes de nós, seguidas de múltiplas maneiras, e que nós reanimamos ou reativamos a partir do nosso presente. Operações culturais capazes

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras, FFP/ UERJ.

de ãabalar a imaginaãõ para que possamos conceber, como escreve Merleau-Ponty, toda a sorte de possíveis dos quais não temos experiência.

Nesse contexto, assumindo os possíveis riscos de embate com a tradição e com os velhos paradigmas que procuram conceber a história em tempos pós-modernos, esse resgate dos tempos pretéritos urde a necessidade de se atribuir à temporalidade histórica uma ideia de passado que só se articula em sua incompletude, pois não o conhecemos ãtal como ele foi de fatoõ, como afirma Walter Benjamin (2010, p. 143). Dito de outra forma, tomemos como base a imagem do anjo da história de Benjamin, cujo olhar reside nas ruínas da história, em que as cadeias de fatos do passado se acumulam como um amontoado de ruínas sobre seus pés, enquanto uma tempestade o impede de fechar as asas: ãÉ *essa tempestade* que chamamos de progressoõ (BENJAMIN, 2010, p. 146). (Grifos nossos). O que se propõe aqui é um pensamento para além de uma ideia concentrada em um passado imutável, bem como de uma teoria do progresso que não seja crítica, levando em conta, para tanto, a análise teórica e reflexiva em torno da perda da experiência diante das ruínas da história.

Ao examinarmos o que postulou Walter Benjamin sobre a modernidade, nos deparamos com ideias pautadas na filosofia da história, configuradas nos entrecruzamentos do ser nas suas relações com o seu tempo. Benjamin entrevê, assim, uma forma de pensar a modernidade que se afasta das correntes irredutíveis, escapando, assim, do reducionismo político ou religioso, optando por uma possível ãpercepção da temporalidade históricaõ, como bem coloca Michel Löwy (1988, p. 6). Seguindo o olhar benjaminiano sobre o curso da história, quando nos debruçamos sobre suas ãTesesõ estabelecemos uma possível construção teórica que molda suas reflexões sobre a modernidade, em que o lado nostálgico e melancólico de Benjamin paira sobre a constituição do ser, cujo centro se estabelece a partir de uma de uma ideia de perda e crise. Aqui podemos também entender sua reflexão sobre a modernidade a partir da linguagem (BENJAMIN, 2013), mais especificamente a linguagem literária, que permite trespassar as passagens da história e suas transformações a partir, principalmente, da narrativa, ou melhor, do que Benjamin entende e vislumbra como crise da narrativa.

Como consequência do embate do sujeito com seu tempo, no ensaio ãExperiência e pobrezaõ (BENJAMIN, 2012) encontramos um modo de entrada para a teoria benjaminiana, regida pelo declínio da experiência do homem moderno, que viveu o trauma da guerra, uma das mais terríveis experiências da história universal. É no contexto da perda da narração clássica que as imagens do tempo e da história se delineiam como passagens que se constituem pela experiência da barbárie, em que cada registro da história se ruma em direção à catástrofe, assim como o anjo benjaminiano, que enxerga os acontecimentos na vertigem da experiência coletiva, que transmite a tradição e a história de um povo. Nesse caso, a pobreza da qual Benjamin trata não se refere apenas à condição humana, mas se estende também à experiência coletiva que, por meio da narrativa, amalgama os dispositivos políticos, sociais e culturais de seu tempo.

Assim, chegamos ao ponto nodal de nossa reflexão: a problematização em torno da teoria da narração em Benjamin, ou, mais especificamente, das relações da experiência como algoz de uma ideia de crise na modernidade. Como bem observa Jeane Marie Gagnebin, ãa questão da escrita da história remete às questões mais amplas da prática política e da atividade da narraçãoõ (2010, p. 7). Nossa reflexão, então, recai

nas ligações entre história e linguagem, que constituem a teoria da literatura de Walter Benjamin:

Não há, portanto, nenhuma formação de linguagem, obra literária ou filosófica, que não seja trespassada pela história, em particular, pela história de sua transmissão; como tampouco pode existir uma história humana verdadeira que não seja objeto de reelaboração e transformação pela linguagem (GAGNEBIN, 2011, p. 10).

Pensaremos, neste trabalho, a ideia de um òmomento de criseõ na ficção a partir do declínio da experiência coletiva na modernidade. Para tanto, elegemos a obra *Amuleto* (2006), do autor chileno Roberto Bolaño, como ponto de partida para nossa reflexão. A prosa de Bolaño revela-se uma rede de possibilidades frente aos fragmentos da história, e que se constituem como episódios traumáticos e conferem forma à existência temporal a partir da realização do sujeito na narrativa, correlacionando à ideia de òtempo e históriaõ à ficção latino-americana contemporânea.

### **Crise e experiência na literatura**

Ao entender a literatura como uma rede dialógica e de multiplicidade de sentidos que desestrutura qualquer base sólida e ilusória em relação à ideia de tempo e história, abrem-se lacunas para a problematização de um sujeito que, perdido nas ruínas de seu próprio tempo, é concebido como um ser enredado em um novo mundo, de angústias renovadas e que ele não controla. Trata-se de um sujeito impossibilitado de restituir, em sua autenticidade, a experiência coletiva que só se (re)constrói no instante narrado, como bem nos aponta Walter Benjamin (2012). Assim, é na impossibilidade de se conceber a òexperiência autênticaõ (*Erfahrung*) que, de certa forma, Benjamin esboça sua teoria da literatura, ao lidar com as ruínas da história e com os fragmentos dos relatos, corroborando a ideia do declínio da experiência como instância primária para se pensar a crise da modernidade.

Posto dessa forma, podemos pensar, a partir de agora, o resgate da história do sujeito sob o esfacelamento da atividade da narração, que conduz não só à reflexão do devir histórico, mas também da prática política e social que compreende a narrativa. O passado é então instante único do ser, só se deixa capturar como uma imagem que relampeja no momento de um perigo, é um tempo irrecuperável da história que só se apreende, ainda que em sua impossibilidade, sob o risco, como uma imagem na escuridão, que ameaça tanto a existência quanto a tradição. Trata-se, para o filósofo, de fixar o passado como uma obscuridade diante do sujeito histórico, a fim de apreender aquele momento de relampejo que se processa na escuridão, alegoria com a qual também irá trabalhar Giorgio Agamben (2013), ao entender que jamais traremos à história o fato em sua completude, em espaços seguros e que afastem a afronta do risco.

É nessa condição que queremos contextualizar o sujeito da prosa de Bolaño, o qual não somente se apresenta como alguém impossibilitado de resgatar sua história em sua completude, mas também aquele que se mostra em sua (in)capacidade de narrar e (re)desenhar as ruínas de seu passado. Segundo Jeanne-Marie Gagnebin, no prefácio das *Obras escolhidas* (2012), no texto intitulado òWalter Benjamin e a história abertaõ ó em que trata de maneira apurada as relações entre a experiência autêntica e a experiência privada ó, com a instauração da modernidade e o crescimento e predominância de uma sociedade de consumo, a experiência coletiva se perde e a tradição não consegue oferecer bases seguras para o pensamento. É aí que Benjamin então irá pensar o

romance e a forma jornalística como partes da busca de sentido para o mundo da vida, para a questão da morte e o advento da história.

Atentemos para o fato de que, agora, o problema não reside apenas na impossibilidade de restituir o passado, mas estamos lidando, também, com a tipologia do romance como fator incisivo e agravante na perda da capacidade de narrar. Para traçarmos um escopo lógico e um paralelo coerente com a ideia de história e narração, pensemos no postulado de Theodor Adorno, em *Notas de Literatura I* (2013), em que o filósofo também problematiza a questão da experiência em relação à tipologia romanesca e a posição do narrador contemporâneo:

Seria mesquinho rejeitar sua tentativa como uma excêntrica arbitrariedade individualista. O que se desintegrou foi a identidade da experiência, a vida articulada e em si mesma contínua, que só a postura do narrador permite. Basta perceber o quanto é impossível, para alguém que tenha participado da guerra, narrar essa experiência como antes uma pessoa costumava contar suas aventuras (ADORNO, 2013, p. 56).

A princípio, aos leitores dos teóricos em questão, pode parecer evidente o diálogo entre os ensaios *O narrador*, de Benjamin, e *A posição do narrador no romance contemporâneo*, de Adorno. No entanto, Adorno aborda a necessidade da narração dentro do romance e, ao mesmo tempo, sua relação aporética que reside na impossibilidade de se narrar dentro da forma romanesca. Ou seja, Adorno adentra nas questões tipológicas do romance, entendendo-o como um espaço solitário e de busca por sentido. Tal pensamento vai ao encontro dos postulados de Georg Lukács, especificamente em sua obra *A teoria do romance*, quando o teórico postula que, assim como na acepção hegeliana, os elementos do romance são inteiramente abstratos (LUKÁCS, 2000, p. 70). Além do mais, a forma do romance exige a urgência de narrar com vistas ao significado da existência, atrelando, assim, a forma de narrar do romance à necessidade da modernidade de narrar a experiência privada.

Tal incursão teórica nos leva a um aparato crítico-teórico mais amplo em relação às questões da narrativa, da história e da experiência, entendendo que o sujeito a ser discutido aqui, com foco na prosa de Roberto Bolaño, está circunscrito à experiência privada, isto é, ele é uma espécie de um narrador que reflete seu estatuto de ser no mundo, e se vê impossibilitado de representar, por meio da linguagem, a barbárie coletiva, que, no entanto, reflete.

### **Momento de crise na narrativa de Roberto Bolaño**

É nesse contexto de desconstrução das noções de narrativa e experiência do sujeito em seu mundo circundante que o romance *Amuleto*, de Roberto Bolaño, se insere. Ao elencar uma série de questionamentos acerca da descentralização da narrativa e desestabilizar, enquanto discurso literário, qualquer ideia de verdade científica edificada pela representação histórica, a ficção de Bolaño se caracteriza por um olhar originário que rejeita a ideia de um sentido definido e que seja hierarquizante em relação ao passado histórico, de maneira que a própria narrativa não se fixa em um único tempo, lugar e espaço. Nesse sentido, ao reestruturar os processos de construção narrativa em torno da experiência em sua articulação histórica, Bolaño cria espaços onde não percebemos a reconciliação entre tempo, história e trauma, sendo o discurso memorialista uma forma de recorrer às passagens da história que, entretanto, se diluem,

se arruinam e se perdem no relato. Dessa forma, em um breve recorte que sintetiza um pouco da ficção de Bolaño, *Amuleto* opera em um jogo de tensão entre o real e o ficcional, (re)criando instâncias básicas no processo de enunciação na narrativa.

No romance em questão, Bolaño, até então tomado por vozes masculinas em obras anteriores, evoca, desta vez, uma voz feminina: Auxilio Lacouture, uma poetisa uruguaia que se intitula como òmãe de todos os poetas. No romance, Auxilio Lacouture, personagem-narrador autodiegético, é uma das vítimas das atrocidades ocorridas com os refugiados da ditadura na Universidade Nacional Autônoma do México, em México-DF, 1968. Dessa maneira, o romance configura-se numa sinuosa e devastadora viagem às fagulhas do passado, submerso no discurso poético e colérico, em que a barbárie e o terror na história na América Latina suplantam o eixo traumático e emocional da ficção de Bolaño, bem como a personagem Auxilio nos adverte no início da obra:

Esta será uma história de terror. Será uma história policial, uma narrativa de série negra e de terror. Mas não parecerá. Não parecerá porque sou eu que conto. Sou eu que falo e por isso não parecerá. Mas no fundo é a história de um crime atroz (BOLAÑO, 2006, p. 9).

As imagens da catástrofe histórica vivida por Auxilio ressoam e ecoam em sua memória como passagens traumáticas. A personagem escapa da morte ao se esconder em um banheiro feminino da universidade, fato esse que se desdobra como um tipo de trauma no decorrer da narrativa, estabelecendo um universo extraficcional e diegético que remete aos jovens latino-americanos que tiveram seus sonhos e ideais destruídos durante e após a ditadura.

Na tentativa de reconstruir sua história, Auxilio tece os primeiros fios trágicos de sua viagem visionária pela Cidade do México, onde se encontra e se relaciona com diversos poetas, artistas e escritores, sendo um deles o personagem que, aos olhos da crítica literária da poética de Bolaño, se caracteriza como um alter ego que transita em muitos de seus romances: Arturo Belano. Contudo, todas as relações da personagem partem das lembranças de seu exílio no banheiro feminino da Faculdade de Letras e Filosofia, através de uma narrativa que opera no limiar da brutalidade, por meio de uma linguagem poética e de um entrecho colérico, condicionando os efeitos das relações que conjugam a estrutura de sua escrita romanesca à busca existencial da personagem:

Mas eu estava na faculdade quando o exército e os granadeiros entraram e baixaram o cacete na gente. Coisa mais incrível. Eu estava no banheiro, num dos banheiros de um dos andares da faculdade, o quarto, creio, não posso precisar. Estava sentada na latrina, com a saia arregaçada, como diz o poema ou a canção, lendo aquelas poesias tão delicadas de Pedro Garfias, que tinha morrido fazia um ano, dom Pedro tão melancólico, tão triste da Espanha e do mundo em geral, quem iria imaginar que eu estaria lendo no banheiro justo no momento em que aqueles granadeiros babacas entravam na universidade (BOLAÑO, 2006, p. 23).

O momento de exílio na faculdade se dissolve nas lembranças pessoais e a história não mais pode ser restituída tal como foi, mas Auxilio se apropria de uma recordação para (res)significá-la diante da impossibilidade na articulação da experiência. A ideia benjaminiana do narrador incapaz de narrar emerge na narrativa de

Bolaño dada por um trauma que desloca os fatos históricos na memória e encaminha os acontecimentos para um plano subjetivo. No entanto, a questão aqui é se realmente há qualquer necessidade de se restituir a história em si diante do trauma gerado pela barbárie do mundo moderno.

A forma traumática dos acontecimentos estabelece espaços para se pensar a multiplicidade na representação do mundo na ficção, levando em conta que a literatura, como forma de descontinuidade temporal, não advoga um corte arbitrário da história, mas sim (re)codifica a representação alegórica do mundo com vista às ressignificações da experiência. Assim, ao passo que a história toma sua forma escrita, os processos que norteiam as zonas fronteiriças entre ficção e o real nos conduzem aos postulados sobre o drama barroco, em que, para Benjamin (2011, p. 189), ãa fisionomia alegórica da história natural, que o drama barroco coloca em cena está realmente presente sobre a forma de ruínaö. Ou seja, a discussão que se trava é a da constituição da experiência atrelada à historicidade e transitoriedade para a formação da narrativa. A história do sujeito é, então, retomada sob a forma de ruína, que se constitui em um processo de inevitável declínio, justificando seu olhar melancólico sobre a história e o tempo ó um tempo trágico, estendido aqui como ãum momento de criseö.

O relato de *Auxilio* é invadido pelas imagens fantasmagóricas do terror e do desespero do exílio, dado pela insistente repetição de uma das poucas lembranças que se petrificaram em sua memória ó a história aqui não pode ser entendida como a história dos povos em si, mas como a história elegida por *Auxilio*:

E então os dois heróis entraram no hotel, Trébol. Primeiro Arturo Belano, depois Ernesto San Epifanio, poetas forjados na Cidade do México, DF, e atrás deles entrei eu, a varredora de León Felipe, a quebra-vasos de dom Pedro Garfias, a única pessoa que ficou na universidade em setembro de 1968, quando os granadeiros violaram a autonomia universitária. (BOLAÑO, 2006, p. 67).

A repetição do fato ocorrido no desenvolvimento da narração de *Auxilio* produz um automatismo que conduz a fixação da história em uma perspectiva melancólica, uma vez que a repetição não apenas produz uma imagem traumática, mas também instaura o próprio trauma em si.

A literatura, nesse caso, cria possibilidades de ressignificações da experiência histórica, seja no discurso memorialístico ou na da própria vivência do trauma e do exílio. Daí que chegamos a um sujeito imerso no universo da crise da narrativa, residente de uma modernidade vazia quanto à transmissão de experiências e naufragado em seu monólogo de traumas pessoais. Esse sujeito, à luz das teorias de Benjamin, Adorno e Lukács, problematiza não só ideia de modernidade, a partir do declínio da experiência, mas também a importância da narração na constituição do *ser-no-mundo* e de sua história em um momento de perigo.

### Considerações finais

A prosa de Roberto Bolaño joga com as possibilidades das passagens traumáticas da história, evocando as imagens da Cidade do México e dos espaços latinos em suas ruínas, construindo um painel ficcional que se debruça, sob a forma de prosa poética, no ritmo colérico do jorro verbal, na representação da barbárie e da violência do poder ditatorial. *Auxilio* Lacouture representa o ser desonerado, em um

contexto de declínio e penúria, ecoando seu discurso trágico e traumático, em que o trauma integra, também, a visão melancólica do mundo moderno.

Faz-se da reflexão benjaminiana sobre a história uma possibilidade, em que a força política e ideológica do discurso emerge na literatura, sem que seja necessário abdicarmos do jogo lúdico (e, por extensão, do jogo semiótico, máxima barthesiana), mas com os pés fincados no presente, sem estreitar relações de verdade com o passado. Há, portanto, uma abertura de possibilidades para se investigar na poética de Roberto Bolaño o declínio da narrativa como âmago de um momento de crise refletida na literatura contemporânea, colocando em xeque conceitos e padrões rígidos de um simplismo teórico de escolas literárias.

Sob esse prisma, as considerações tratadas aqui sobre a crise da experiência e o declínio da narração na literatura contemporânea perpassam as ideias de historicidade e transitoriedade (VERNANT, 1999), de modo que é possível compreender a natureza tornada humana como parte de determinado momento histórico. Do mesmo modo, assim como Theodor Adorno (2006), em seu prefácio sobre a nova edição alemã de *Dialética do esclarecimento*, nos mostra que a verdade deve ser atribuída a um núcleo temporal, o momento de crise, aqui deve ser compreendido a partir da ideia da constituição do *ser* como produto de uma história social, política e cultural, em que o trauma e a barbárie do mundo contemporâneo (aqui em sua acepção de mundo moderno) suplantam uma possível teoria da perda e do momento de crise.

Assim como o anjo de Benjamin, a personagem de Bolaño está também sob a ameaça da tempestade e da melancolia, já que se encontra sorrateiramente subtraída pela pobreza da experiência da humanidade e sob o crivo da barbárie. A catástrofe está diretamente refletida na experiência ó as passagens da história não se iluminam, como em tempos de atos heroicos e grandes feitos, mas se desenham como estilhaços perdidos sob a redoma da temporalidade das sociedades.

### ***CRISIS AND EXPERIENCE IN CONTEMPORARY FICTION: A CRITICAL READING OF AMULETO, BY ROBERTO BOLAÑO***

#### **ABSTRACT**

*This paper aims to discuss the idea of crises and experience in contemporary narrative. The basis of this analysis is the concept of experience and modernity in the thought of Walter Benjamin (2010). In this context, we will analyze the consequences of historical events in regard to the subject's experience, resulting in a possible moment of crisis. In order to do that, we will examine the novel Amuleto (2006), by Roberto Bolaño, whose work represents the relation between history, exile, trauma and personal tragedies. We intend to establish different meanings concerning the historical experience in contemporary fiction.*

**KEYWORDS:** *theory; crisis; experience; Contemporary fiction.*

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. Rio de Janeiro: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, vol. I. 8. São Paulo: Brasiliense, 2012.

\_\_\_\_\_. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

\_\_\_\_\_. **A origem do drama trágico alemão**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre mito e linguagem**. Rio de Janeiro: Editora 34.

BOLAÑO, Roberto. **Amuleto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GAGNEBIN, Jeane. M. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

NOVAES, Adauto. Sobre tempo e história. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

LÖWY, Michael. **Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa central: um estudo de afinidade eletiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. O sujeito trágico: historicidade e transitoriedade. In: \_\_\_\_\_. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. São Paulo: Perspectiva, 1999, pp. 211 -219.

Recebido em 17/04/2014.

Aceito em 05/06/2014.